
OS HISTORIADORES E A ESCRITA DAS SENSIBILIDADES (1990-2007)

Raniery Bezerra da Silva (I.C.)

Curso de Lic. Plena em História – Universidade Estadual da
Paraíba - UEPB

Co. Autora: Alayane Cerino

Curso de Lic. Plena em História – Universidade Estadual da Paraíba - UEPB

Prof. Dra. Joedna Reis de Meneses (Orientadora) - Universidade Estadual da Paraíba –
UEPB

PIBIC/CNPq/UEPB.

Email: ranieryuepb@bol.com.br – alayane_cerino@hotmail.com - joedna@terra.com.br

O presente estudo buscará apresentar as atividades desenvolvidas no projeto vinculado ao programa de Iniciação Científica da Universidade Estadual da Paraíba, Cota 2008/2009, intitulado “História e sensibilidades: uma análise da produção historiográfica sobre os afetos na contemporaneidade”. Este projeto pretende abordar o tema das sensibilidades nos trabalhos dos historiadores a partir do recorte temporal traçado entre 1990 e 2007.

Assim, o presente estudo objetiva divulgar o andamento da pesquisa sobre as obras produzidas em torno da temática da História das sensibilidades, desenvolvida junto ao Programa Institucional Bolsas de Iniciação Científica da UEPB. Trata-se de uma pesquisa essencialmente bibliográfica e que objetiva mapear o surgimento e o avanço da temática das sensibilidades no cenário dos historiadores.

A nossa pesquisa encontra-se diretamente ligada ao estudo de como se trabalha, se pensa e escreve a história nos dias atuais. Seguindo esta linha de raciocínio o nosso projeto está ligado à linha de pesquisa, História, corporalidade e afetos, inserido na linha de pensamento do Grupo de pesquisa em História Cultural, que dentre outros aspectos visa analisar a produção historiográfica sobre afetividade.

A pesquisa vem sendo desenvolvida a partir da necessidade de criar uma análise teórico-metodológica ao redor das temáticas pesquisadas no âmbito do Grupo de Pesquisa em que estamos inseridos, pois, apesar de encontramos um razoável número de obras relacionadas a este tema, mesmo assim ainda encontramos alguns debates que

objetivam desqualificar, teórica e metodologicamente, as pesquisas sobre as sensibilidades.

Desse modo, no projeto de pesquisa citado buscamos relacionar o tema das sensibilidades com o debate que circunda a produção do conhecimento histórico nas últimas décadas. A nossa pesquisa propõe o estudo de como a produção historiográfica, dos últimos anos (1990 – 2007), vem pensando a temática das sensibilidades. Assim: mostrando como o discurso historiográfico acerca das sensibilidades vem criando sentidos para essa temática e, especialmente, como foi possível a emergência do tema das sensibilidades, e dos afetos em geral, na escrita da história.

As sensibilidades fazem parte do novo cenário historiográfico que vem sendo construído desde a emergência da “Nova História”, em meados do século XX.

Assim, uma linha de pensamento presente no campo da História Cultural vem influenciando de maneira decisiva a realização da nossa pesquisa. A chamada História Cultural nos permite perceber que o tema das sensibilidades alarga o campo de análise da história. O que permite ao historiador fugir da chamada história tradicional.

A discussão em torno da Teoria e Metodologia da história vem se acentuando desde as últimas décadas do século XX. Nesse período, o conhecimento histórico passou por diferentes questionamentos que, longe de promoverem o encontro de respostas definitivas, estimularam o debate até os dias atuais e impulsionaram a publicação de revistas e livros que discutem os caminhos que tornam possível a emergência do texto histórico.

Porém, apesar do século XX ter sido testemunho da ampliação das discussões em torno da Teoria da história, de uma maneira geral, os trabalhos específicos, voltados, de fato, para a análise historiográfica, ainda são restritos.

O que pensam os historiadores? A questão parecerá a muitos uma piada pois, ao contrário do que ocorre com os filósofos, não se espera dos historiadores que sejam virtuosos do conceito, nem que elaborem complexas arquiteturas teóricas. Tanto mais que, à exceção de alguns textos híbridos sobre biografia e discurso do método, eles não são dados à auto-análise. É verdade que, desde os anos 60, surgiu o hábito de elaborar, episodicamente, espécies de inventários, consequência da expansão sem precedentes que o conhecimento histórico conheceu a partir do fim da última Guerra Mundial. (BOUTIER E JULIA, 1998, p.21)

Então, para a questão: como são produzidos os textos de História? É preciso buscar o entendimento dos elementos que influenciam, de maneira consciente e inconsciente, o trabalho do historiador. É necessário entender a produção historiográfica

como fruto de uma relação do historiador com o seu objeto, entender a produção historiográfica como uma construção social, perceber que os historiadores produzem textos. É preciso, parafraseando Boutier e Julia, buscar a resposta para a indagação: o que pensam os historiadores quando escrevem História?

Esta interrogação cerca o debate teórico-metodológico da História no final do século XX e, no Brasil, provoca a emergência de alguns trabalhos sintonizados com a problematização do ofício de historiador, com a escrita da História. Estes trabalhos fundamentam a nossa pesquisa no sentido de servirem de exemplo para as futuras análises historiográficas que se pretende realizar.

A título de exemplo, pode-se citar o livro de Ciro Flamarion Cardoso e Ronaldo Vainfas que, em 1997, publicaram a coletânea *Domínios da História: ensaios de Teoria e Metodologia*. Nesta obra, diferentes historiadores brasileiros analisam os Territórios do Historiador: áreas, fronteiras e dilemas (Parte I); Campos de Investigação e Linhas de Pesquisa (Parte II) e Modelos Teóricos e Novos Instrumentos metodológicos: alguns exemplos (Parte III).

Outro exemplo de preocupação, por parte dos historiadores brasileiros, com a produção historiográfica nacional, é a obra organizada por Marcos Cezar de Feitas, em 2001, *Historiografia Brasileira em Perspectiva*. A análise se deu em torno das seguintes temáticas: *Historiografia brasileira: olhares sobre as fontes* (Parte I) e *Historiografia brasileira: novas fontes para novos olhares* (Parte II).

No entanto, embora não se trate de uma obra de análise historiográfica, a coletânea de textos publicada no ano de 2006, organizadas por Marina Haizenreder Ertzogue e Temis Gomes Parente intitulada *História e Sensibilidade* cartografou de maneira considerável a abordagem da temática aqui proposta, ou seja, as sensibilidades. Nesta obra, a memória e o próprio conhecimento histórico são relacionados ao tema da sensibilidade.

Assim, cumpre afirmar que os próprios autores e suas respectivas obras, analisadas na nossa pesquisa, influenciam nos caminhos que adotamos na condução das nossas atividades. A título de exemplo pode-se citar os seguintes autores: Mary Del Priore, Durval Muniz de Albuquerque Junior, Antonio Paulo Rezende, Margareth Rago, dentre outros.

Nossa pesquisa possui, portanto, a peculiaridade das próprias fontes fundamentarem o seu desenvolvimento, uma vez que os autores que lidam com as

sensibilidades comumente se aproximam do campo da literatura e de pensadores e historiadores como Michel Foucault, Michel de Certeau, Roger Chartier que, devido a inovação que provocaram no conhecimento histórico, permitiram a emergência do tema das sensibilidades na produção historiográfica.

Na tarefa historiográfica, que aqui se propõe as obras sobre as sensibilidades estão sendo tomadas como acontecimentos a serem estudados e, os próprios efeitos de sentidos – enunciados – que estas obras fundaram, também são tomados como acontecimentos. Com isso podemos concluir que os acontecimentos mudam a partir do campo de visão de quem os escreve e podemos encontrar o mesmo fato escrito de vários pontos de visão desde a visão do “Grande Comandante” ate a visão do “Soldado Raso”.

Assim, a historiografia vem sendo tomada como um discurso e, desse modo, como um acontecimento que produz sentidos ao ser relacionado a outros eventos, como o contexto e a teoria.

Os caminhos metodológicos adotados procuram observar como foi realizado o texto. Estamos buscando observar o momento de emergência de um discurso sobre as sensibilidades e, de acordo com o andamento da pesquisa, ampliamos o nosso recorte temporal para o início do anos de 1970 até os dias atuais.

A metodologia de trabalho, portanto, está sendo realizada de forma em que seja possível analisar obras historiográficas sobre as sensibilidades. Neste sentido, o trabalho está sendo desenvolvido a partir do levantamento e leitura dos livros publicados no período citado. Também foi construída uma ficha de análise para as obras.

Desse modo, como as fontes a serem utilizadas são as próprias obras historiográficas, estas estão sendo selecionadas na medida em que as etapas do trabalho estão sendo executadas.

Foram levantadas varias produções historiográficas acerca das sensibilidades, e de fato podemos destacar que os primeiros contatos com a escrita dos afetos são muito tímidos nos anos 1970 – 1980, pois o contato com a nova historia social e cultural havia acabado de emergir. Portanto, encontramos alguns autores como Margareth Rago, cuja escrita é reveladora do tema das sensibilidades apenas aflorando em suas pesquisas, pois ainda não constatamos nenhum autor que desta época que tenha escrito abertamente sobre os afetos em geral.

Com o andamento das leituras que embasam a nossa pesquisa de pesquisa, estamos cada vez mais convictos de que a possibilidade de se trabalhar com a análise historiográfica designa não apenas o registro escrito da História, a memória estabelecida pela própria humanidade através da escrita do seu próprio passado, mas também a ciência da História. “a filosofia da história partirá das fronteiras últimas da historiografia para especular livremente sobre problemas e inquietações que não cabem nos domínios da história científica.” (Fidelino de Figueiredo, *Entre Dois Universos*, p. 209).

Construir uma análise historiográfica não é somente apenas, ter uma boa visão das obras, mais sim, analisar minuciosamente o discurso historiográfico com vistas de tentar, reconhecer e ao mesmo tempo interpretar a presença de uma transdisciplinaridade, nos discursos analisados. Deste modo a historiografia deve ser tomada neste contexto não como apenas a escrita dos historiadores mas também, devemos ressaltar muitos outros escritores os quais assumiram o papel de escrever a história. Porque temos a certeza de que a produção acadêmica na área da história recebe vários outros profissionais procedentes de vários outros campos e praticas do saber como: sociologia, psicologia, geografia, arquitetura, dentre vários outros os quais podemos citar. Assim, constatamos as dificuldades e ao mesmo tempo o fascínio que termos ao estudar este tema.

Dentre as nossas leituras nos aproximamos da obra de Lynn Hunt, intitulada *A nova história cultural*, onde a autora reuniu análises sobre autores como Michel Foucault e Thompson. Esse conceito - Nova História Cultural – é abrangente através dele há esse encontro de novas construções do marxismo e com pensamentos que serviram de base para a corrente denominada de Nova História da segunda metade do século XX, como o de Foucault.

A História Cultural e a chamada Nova História, oriundas de todo um debate do início do século XX através do grupo dos Annales, permitiram o surgimento no campo do historiador de temáticas com a das sensibilidades. Estas duas tendências da história, que em diversos momentos se confundem – Nova História e História Cultural, estão sendo discutidas, durante o andamento da nossa pesquisa como provocadoras de novas temáticas inspiradas em autores de diversas tendências teóricas do que como correntes teórico-metodológicas estreitas.

Desde os anos 70, com a publicação dos três volumes de Pierre Nora e Jacques Le Goff, intitulados: *História: Novos Objetos*; *História: Novas Abordagens*; *História: Novos Problemas*, a disciplina histórica acentuou a discussão em torno de metodologias e teorias sendo, estes volumes, considerados responsáveis pela divulgação da expressão “Nova História” como configuradora do movimento de renovação historiográfica do final da década dos anos de 1970.

Este movimento passou a incidir na historiografia brasileira no final da década de 1980, principalmente, quando os temas já considerados símbolos da Nova História, como a História das mentalidades; História do imaginário, História do cotidiano, começaram ser trabalhados.

Philippe Ariès, em um artigo publicado na coletânea intitulada *A Nova História*, dirigida por Jacques Le Goff (1998, pp. 154-179), apresenta as peculiaridades da chamada História das Mentalidades e demonstra, a partir de alguns exemplos, que esta busca mapear as “*mudanças de mentalidade*”, ou seja, os pensamentos que são aceitos em determinadas épocas, em determinadas culturas e em outras, não.

Os textos voltados para uma História das mentalidades procuram trabalhar com os códigos morais, com as regras ligadas ao plano dos sentimentos, às crenças, às religiosidades, enfim, com os signos mentais que as culturas assumem nos seus espaços coletivos e individuais.

A psicologia social também influencia, de maneira decisiva, o estudo das mentalidades. Os frutos desta relação – psicologia social e mentalidades - estão visíveis na construção de textos acerca de personagens marginalizados e de comportamentos sociais e culturais que possibilitem o entendimento dos padrões comportamentais de uma época.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBUQUERQUE JR, Durval Muniz de. “Violar Memórias e Gestar a História”. *Clio - Revista de Pesquisa Histórica da UFPE, Série Sensibilidades*. Recife: Universitária, nº 15, 1994. pp. 39-52.

ALBUQUERQUE JÚNIOR, D. M. . *História: a arte de inventar o passado - Ensaio de teoria da história*. 1. ed. Baurú: EDUSC, 2007.

-
- ALVES, Francisco José. “Histórias da História: uma crítica preliminar.” *Debates Regionais* n° 2. João Pessoa: Editora Universitária/NDIHR, 1995. pp. 104-111.
- ARIÈS, P. e CHARTIER, R. (orgs.). *História da vida privada – Da Renascença ao Século das Luzes*. 6.ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.
- ARRUDA, José Jobson. e TEGARRINHA, José Manuel. *Historiografia Luso-Brasileira Contemporânea*. Bauru: EDUSC, 1999.
- AUSTER, Paul. *A Invenção da Solidão*. São Paulo: Cia das Letras, 1999.
- AUSTER, Paul. *A Triologia de Nova York*. São Paulo: Cia das Letras, 1999.
- BANN, Stephen. *As Invenções da História: ensaios sobre a representação do passado*. São Paulo: Editora da UNESP, 1994.
- BARREIRO, José Carlos. “O mal-estar da história: crise e pensamento na historiografia moderna.” in SILVA, Zélia Lopes da. (Org.) *Cultura histórica em debate*. São Paulo: Editora da UNESP, 1995.
- BARTHES, Roland. *Fragments de um discurso amoroso*. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- BATAILLE, Georges. *O erotismo*. São Paulo: Arx, 2004.
- BAUMAN, Zygmunt. *Comunidade. A busca por segurança no mundo atual*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000
- BAUMAN, Zygmunt. *Amor Líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.
- BEZERRA JR. Benilton; PLASTINO, Alberto Carlos (Orgs). *Corpo, afeto, linguagem: a questão do sentido hoje*. Rio de Janeiro: Ambiciosos, 2001.
- BODEI, Remo. *As formas da beleza*. São Paulo: EDUSC, 2005.
- DEL PRIORE, Mary (Org). *História das mulheres no Brasil*. 8ed. São Paulo: Contexto, 2006.
- DEL PRIORE, Mary. *História do amor no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2005
- DELEMEAU, Jean. *A História do medo no ocidente 1300-1800*. São Paulo: Cia. das Letras, 1989.